

# METROPOLIZAÇÃO DO RIO DE JANEIRO NA GLOBALIZAÇÃO CONTEMPORÂNEA:

## UMA BREVE ANÁLISE TEÓRICA DA FRANJA PERIURBANA

**Antonio Carlos Lessa da  
Rocha<sup>i</sup>**

Doutorando em Geografia  
PPGEO-UERJ

### Resumo

Neste presente artigo será abordado o fenômeno da expansão urbana nas metrópoles brasileiras, como um enfoque na metrópole do Rio de Janeiro no contexto da globalização. Foi possível observar que na formação desse processo, a reestruturação produtiva na indústria teve um importante papel na atual característica das metrópoles na rede urbana capitalista. Como uma das consequências no espaço geográfico dessa expansão urbana é a formação da área periurbana, redefinindo a interface urbano-rural.

**Palavras-chave:** expansão urbana, franja periurbana, reestruturação produtiva e Rio de Janeiro.

### METROPOLIZACION DE RIO DE JANEIRO EN LA GLOBALIZACIÓN CONTEMPORÂNEA: UN BREVE ANÁLISIS TEÓRICO DE LA FRANJA PERIURBANA

### Resumen

En este artículo se abordará el fenómeno de la expansión urbana en las metrópolis brasileñas, como un enfoque en la metrópolis de Río de Janeiro en el contexto de la globalización. Es posible observar que en la formación de ese proceso, la reestructuración productiva en la industria tuvo un importante papel en la actual característica de las metrópolis en la red urbana capitalista. Como una de las consecuencias en el espacio geográfico de esa expansión urbana es la formación del área periurbana, redefiniendo la interfaz urbano-rural

**Palabras-clave:** expansión urbana, franja periurbana, reestructuración productiva y Río de Janeiro.

<sup>i</sup> *Endereço institucional:*

R. São Francisco Xavier, 524 –  
Maracanã – Sala 4006, Bloco F  
CEP: 20550-900 – Rio de Janeiro –  
RJ – Brasil

*Endereço eletrônico:*

antoniocarlos130690@gmail.com

### Introdução

No contexto da globalização, as metrópoles passaram por diversas modificações na sua dinâmica espacial. Uma dessas mudanças, das quais podemos nos referir, é em relação à expansão do espaço metropolitano.

Entre os fatores determinantes para observarmos esse fenômeno, podemos mencionar o processo de reestruturação produtiva, a desconcentração industrial; expansão da especulação imobiliária, e, por último, o surgimento de novas formas de ocupação em áreas rurais, dentro e fora do limite metropolitano.

Analisando a industrialização brasileira hoje, podemos dizer que houve um rompimento com os limites das metrópoles e ocorreu uma forte expansão populacional principalmente, em direção às Regiões Metropolitanas do país. Com o advento da globalização, a urbanização se expandiu ainda mais, não apenas quantitativamente mas também em qualidade, e no caso fluminense os novos padrões tecnológicos alteraram toda a dinâmica de fluxos neste território.

Segundo Randolph e Gomes (2007) a globalização e o forte processo de evolução tecnológica permite à metrópole essa nova e maior capacidade de mobilidade, pois

o caráter novo dessa mobilidade consistiria no fato de que as separações tradicionais entre trabalho, moradia, estudo, consumo e lazer – que se consolidaram a partir do advento da sociedade industrial – irão ser superadas por novas articulações e, também, novos espaços do exercício das respectivas atividades (p.61).

Portanto no passado, o desenvolvimento da urbanização no Brasil estava vinculado às metrópoles, concentrando riqueza e pessoas (SANTOS, 1993). Com o início da reestruturação produtiva, essa força concentradora dos grandes centros se enfraqueceu e os fortes incentivos fiscais concedidos às empresas faz com que indústrias se dispersem pelo território, expandindo a urbanização.

Já na metrópole do Rio de Janeiro não foi diferente, após grande desenvolvimento industrial no século XX, o que gerou uma forte concentração, podemos ob-

servar nos dias atuais, motivado pela reestruturação produtiva, ocorre uma expansão da urbanização além dos limites metropolitanos.

Segundo Lencioni (2015) a metrópole passa a ser centralizadora de capital, pois devido à reestruturação produtiva e a dispersão dos parques industriais, as sedes das empresas permanecem, dando um papel central na gestão e administração de capitais. A referida autora usa o exemplo da BOVESPA que permanece na cidade de São Paulo, centralizando capitais nacionais e internacionais.

Segundo Ferreira et al (2015), a metropolização do espaço marca as relações capitalistas para além da metrópole, incorporando as cidades médias, as pequenas e o espaço rural. Essa dinâmica da expansão da metrópole é um importante transformador no mercado do solo urbano, promovendo uma intensa valorização através da especulação imobiliária.

FERREIRA et al (2015) mencionam que:

As áreas de expansão e de investimento nas cidades (e, já agora, também em algumas áreas do campo) acabam sendo definidas pelos proprietários fundiários, pelas construtoras e pelos promotores imobiliários. O processo de metropolização tem, simultaneamente, levando ao adensamento de determinadas áreas, ao espraiamento da metrópole e às operações urbanas de renovação e de revitalização (como preferem alguns), que acabam por gerar forte gentrificação (2015, p. 17).

Analisando as relações urbano-rurais em duas fases do capitalismo, fordismo e pós-fordismo (acumulação flexível), onde antes existia uma forte concentração industrial na metrópole com a mudança da reestruturação produtiva o capital promove uma dispersão dos parques industriais. Dentro da lógica fordista o espaço rural era definido através das práticas agrícolas, pecuária e extrativismo, expressando a divisão do trabalho entre o campo e a cidade, sendo a cidade o lugar da indústria e dos serviços. Através do processo de metropolização, as localidades rurais passaram a ter fixos espaciais típicos do urbano e a capacidade de fluxos de informações mais modernos, promovendo uma forte relação de interdependência entre o urbano e o rural (FERREIRA et al, 2015).

Neste presente artigo iremos abordar primeiramente a caracterização da expansão urbana nas metrópoles brasileiras, como destaque para o Rio de Janeiro neste início do século XXI. Ao tratarmos da expansão urbana fluminense, iremos fazer

uma análise histórica desse fenômeno sobre o espaço geográfico. No segundo momento iremos caracterizar a franja periurbana como consequência do fenômeno mencionado.

### **Caracterização da expansão metropolitana do Rio de Janeiro**

O Estado do Rio de Janeiro é uma das menores unidades da Federação, com uma extensão de aproximadamente 43.900 km<sup>2</sup> e, conseqüentemente, possui uma das maiores densidades demográficas do país, da ordem aproximada de 327,26 hab./km<sup>2</sup>. Esses dados geram um forte impacto na organização socioespacial do estado (RIBEIRO; CAVALCANTI, 2012).

Uma das conseqüências da forte pressão da metropolização no espaço fluminense é o predomínio do urbano sobre o rural; “Tal fato pode ser evidenciado pela mais elevada taxa de população urbana do país, da ordem de 96% de seus residentes vivendo em cidades e vilas e, deste, 81% residindo em cidades” (RIBEIRO; CAVALCANTI, 2012, p. 145).

Uma das formas de espacializar a expansão da metrópole fluminense é seguindo o padrão de eixos marcados por rodovias federais e estaduais. Utilizando a tipologia, segundo Ribeiro e Cavalcanti (2012), existem quatro eixos principais de expansão da metrópole e integrados ao espaço de metropolização.

O primeiro deles possui duas rodovias importantes no estado do Rio de Janeiro, a BR-101 (norte) e RJ-106 (Rodovia Amaral Peixoto), partindo da cidade do Rio de Janeiro em direção ao Norte Fluminense, até atingir o município de Campos dos Goytacazes, importante região na exploração de petróleo no Brasil e na qual sua urbanização está voltada para esse setor da economia, tendo a Petrobras como sua principal representante. Durante o percurso encontram-se os municípios das Baixadas Litorâneas, onde as atividades estão voltadas quase que exclusivamente para o turismo e caracterizando-se por uma forte urbanização turística.

O segundo eixo é cortado pela BR-101 (sul) a partir da cidade do Rio de Janeiro em direção a Região da Costa Verde, região do estado com forte urbanização tu-

rística, “capitaneado pela localização de resorts, marinas, condomínios fechados, entre outros” (RIBEIRO; CAVALCANTI, 2012, p. 152).

O terceiro, não menos importante, tem na BR-116 (Rodovia Presidente Dutra) a sua representatividade, importante trecho rodoviário que liga as duas principais metrópoles brasileiras, Rio de Janeiro e São Paulo. Passando pela Baixada Fluminense, região com grande concentração populacional no estado e alcançando o Médio Vale do Paraíba chegando até o município de Resende. Essas regiões possuem forte peso econômico para o estado, com grandes indústrias nacionais e internacionais, e também extensivas atividades turísticas.

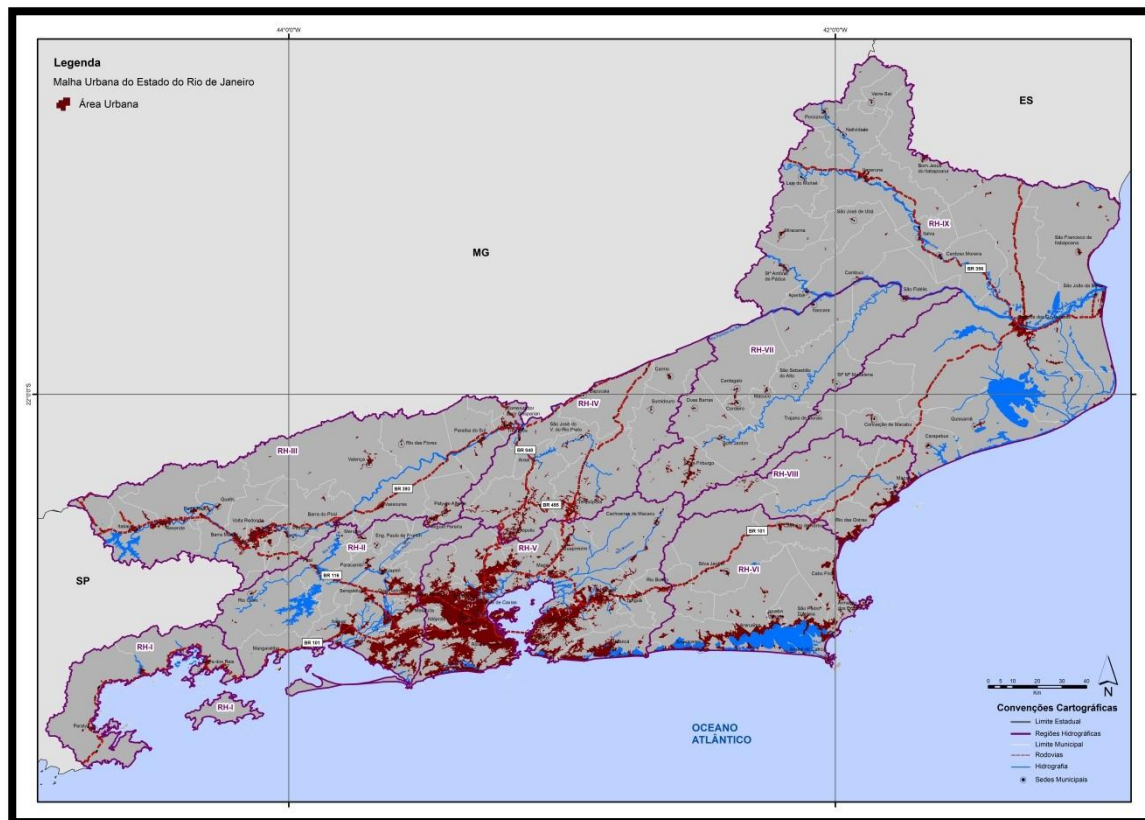
O quarto e último segue pela BR-040, também conhecida como Rodovia Washington Luís, partindo do Rio de Janeiro indo em direção à Região Serrana, onde encontramos o município de Petrópolis. Esse eixo se expande além dos limites do estado, passando por Juiz de Fora e chegando a Belo Horizonte, intenso em importância industrial e turística.

Ao comparar as duas principais metrópoles brasileiras, Rio de Janeiro e São Paulo, a expansão metropolitana ocorre de forma diferente, pois esta, possui um crescimento areolar, já o Rio de Janeiro possui uma expansão reticular (LENCIONI, 2015).

Diferentemente da metrópole paulistana, a cidade do Rio de Janeiro possui um papel concentrador e hegemônico dentro do Estado. Segundo Alentejano (2005) durante o século XX ocorreu um enorme crescimento dela frente a um esvaziamento do interior, gerando forte dependência da capital.

Esse poder concentrador da metrópole fluminense pode ser percebido nos números de habitantes residentes, sendo aproximadamente 75% de habitantes que residem na Região Metropolitana, desse valor, 42,4% estão habitando a cidade do Rio de Janeiro, de acordo com Ribeiro e Cavalcanti (2012).

No mapa a seguir poderemos observar os eixos de expansão urbana do Rio de Janeiro como já mencionado.



Mapa 1 - Malha urbana do Estado do Rio de Janeiro  
Fonte: Censo Demográfico IBGE, 2010.

Ao observar o mapa 1 é possível verificar a grande concentração urbana presente na cidade do Rio de Janeiro, e também ocorre um processo de conurbação entre a metrópole e alguns municípios da baixada fluminense. É importante ressaltar que os eixos de expansão urbana estão ligados às principais rodovias do estado, a BR-101, BR-116, BR-040 e a RJ-106.

Uma grande contribuição para a expansão metropolitana fluminense ocorreu através de duas medidas importantes do Governo Federal: a primeira seria a obrigatoriedade de que 60% dos componentes da Petrobras fossem nacionais, com isso resgatando a antiga indústria de estaleiros nos municípios de Niterói e São Gonçalo. Outra medida foi a escolha do município de Itaboraí para receber um novo complexo de refinarias de petróleo. Com a criação do Complexo Petroquímico do Estado do Rio de Janeiro é resgatada a construção do Arco Metropolitano para o escoamento

da produção da refinaria até o Porto de Itaguaí, deslocando o trânsito de caminhões do interior à metrópole. Esses empreendimentos acabaram gerando uma nova dinâmica urbano-industrial abrangendo grande parte da Região Metropolitana (OLIVEIRA, 2011).

Segundo Ribeiro (2012), a expansão da metrópole fluminense dentro desse circuito de petróleo fortaleceu antigas centralidades locais, onde o exemplo trabalhado pelo autor é o município de Campos dos Goytacazes<sup>1</sup>, devido à exploração na Bacia de Campos. Exercendo o papel de uma cidade média na região.

Novas centralidades locais também surgiram devido à exploração do petróleo, tendo como exemplo Macaé, principal município concentrador das empresas envolvidas na exploração da *commoditie*, reconhecida como a “capital do petróleo no Brasil”.

Um ponto a ser ressaltado, devido ao fortalecimento da indústria do petróleo no norte do Estado do Rio de Janeiro, foi uma série de emancipações que ocorreu na região com o objetivo do recolhimento de *royalties* pagos às Prefeituras como compensação da exploração do recurso natural em seu território. Esse surgimento de novos municípios foi muito facilitado pela Constituição Federal de 1988 (RIBEIRO, 2012).

Segundo Piquet (2010) alguns municípios foram criados nos anos de 1990, entre eles Armação dos Búzios, Carapebus, Quissamã e Rio das Ostras, todos recebem grande quantia de *royalties*. Sendo que Carapebus e Quissamã, antigos distritos, participaram do auge área da produção de cana-de-açúcar no norte do Estado do Rio de Janeiro, pertencentes ao município de Macaé. Vale ressaltar que esta atividade não se extinguiu por completo, ainda existem grandes fazendas de produção sucroalcooleira na região.

Sobre a expansão metropolitana do Rio de Janeiro, Alentejano (2005) nos aponta;

Dentre os principais agentes organizadores do espaço fluminense ao longo deste século, destacam-se o capital industrial e o capital imobiliário. O primeiro foi o principal responsável pelo impulso inicial do processo de

---

<sup>1</sup> O município de Campos dos Goytacazes foi de grande importância no século XVIII devido à produção de cana-de-açúcar, tornando um importante centro econômico na América Portuguesa (ALENTEJANO, 2005)

metropolização. Já o segundo foi o principal agente da crescente subordinação do capital agrário no interior do estado, assim como da expulsão maciça do campesinato do campo, exceção feita às regiões Norte e Noroeste, onde o agente central da expulsão dos trabalhadores do campo foi o próprio capital agrário, em suas metamorfoses (p.49-50).

O mesmo autor desenvolve essa temática da metropolização do espaço fluminense, analisando a evolução do espaço agrário do Rio de Janeiro e apresentando uma periodização da expansão da urbanização que se iniciou nas primeiras décadas do século XX.

Até a chegada do século XX “a organização do espaço fluminense era hegemônica pelo capital agrário e pelo capital mercantil” (ALANTEJANO, 2005, p. 51). O capital agrário muito concentrado na produção cafeeira, principalmente na Região do Vale do Paraíba, e a produção canavieira na Região Norte do estado, tendo o município de Campos dos Goytacazes como principal produtor. O capital mercantil estava ligado à presença do porto na cidade do Rio de Janeiro.

Segundo Alentejano (2005), o primeiro impulso ao processo de metropolização do espaço fluminense ocorre entre 1940-1964, com o início do processo de industrialização que se inicia no Brasil. Teremos o eixo da Via Dutra (BR-116), ligando Rio de Janeiro e São Paulo, como expansão da metrópole, e em 1940 se instala no município de Volta Redonda, a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN).

A partir da criação da siderúrgica estatal, nos municípios de Resende e Barra Mansa, se inicia um processo de industrialização ligado ao setor da indústria de base, como metalúrgicas, siderúrgicas e químico-farmacêutico. Neste período de 1940-1964 começa a ocorrer a troca do capital hegemônico na região, antes agrário e aos poucos se tornando uma burguesia industrial ligada à metrópole.

Alguns municípios que tinham grande relevância na época áurea do café, como Vassouras e Valença, passam a perder importância econômica com o desenvolvimento da indústria na região, principalmente por estarem afastados do eixo da Via Dutra. Esses municípios ficaram por muitos anos em decadência, mas encontraram como alternativa a refuncionalização das fazendas de café, tornando-as hotéis-fazenda e aproveitando como atração turística o histórico da região.



De acordo com Alentejano (2005) o auge do projeto de metropolização do Rio de Janeiro acontece entre os anos de 1964-1980, período marcado pela ditadura militar no Brasil, a “marcha forçada” levava o país a um desenvolvimento a qualquer custo, eliminando, segundo o autor, todas as forças contrárias possíveis que pudessem atrapalhar o projeto de nação dos militares. Este avanço estaria marcado também pela alta especulação imobiliária, em muitos espaços ligados ao turismo.

De acordo com Alentejano (2005) o início dos anos de 1980 marca uma desaceleração da expansão metropolitana no território fluminense, esse fato estaria ligado à desconcentração espacial da indústria no Rio de Janeiro, muito influenciado pelo que o autor chama de pós-fordismo.

Devido a essa nova realidade urbana no território fluminense, os municípios que tinham uma urbanização ainda pouco desenvolvida, como o município de Rio Bonito, passou a experimentar um novo modelo estrutural, avançando sobre algumas áreas rurais com infraestruturas urbanas, ou ainda com a desestruturação das atividades rurais, pois muitos trabalhadores rurais passaram a ser trabalhadores urbanos, absorvidos pelo setor de serviços ou pela própria indústria, devido à construção do COMPERJ, no início do século XXI.

A contemporânea configuração espacial e econômica do Estado promove fortes mudanças nas realidades locais, não só mais presentes na Região Metropolitana. Estamos presenciando uma forte onda de metropolização dentro do estado, atingindo novos municípios e com isso, o crescimento do Rio de Janeiro está promovendo alterações na interface urbano-rural.

Conseqüentemente, podemos também observar a expansão da urbanização através de estudos demográficos, ajudando a fortalecer os dados mencionados sobre a reestruturação produtiva que ocorre com a cidade do Rio de Janeiro e outras capitais brasileiras.

De acordo com Baeninger (2011), o processo de urbanização brasileiro estava no contexto da lógica concentradora, as grandes metrópoles eram as que possuíam a maior parte da população urbana. Até os anos de 1970 do total das pessoas que viviam nas cidades, 33% habitavam os grandes centros.

Por isso Baeninger (2011) menciona que “o processo de urbanização esteve baseado na vertente da concentração: concentração da dinâmica econômica, concentração da população nas grandes cidades e concentração de migrações” (p. 46). O eixo Rio-São Paulo foi o maior responsável por essa concentração dentro do território nacional.

O ponto de mudança desse processo histórico se inicia nos anos de 1980 e se intensifica nos Governos Collor e Fernando Henrique, onde aos poucos, o Brasil se adequa as políticas neoliberais. Essa ruptura determina uma profunda reorganização espacial das metrópoles brasileiras através da reestruturação produtiva, como analisamos a expansão metropolitana fluminense.

Segundo Baeninger (2011), o processo de desconcentração industrial, primeiramente ocorrendo na Região Metropolitana de São Paulo, se tornou um importante fator de análise para entender uma nova configuração espacial na distribuição da população, ocorrendo um menor crescimento das regiões metropolitanas frente às demais regiões nas unidades da federação.

A desaceleração demográfica das regiões metropolitanas é perceptível desde a década de 1970 até os anos 2000, mas isso não significa perda de importância das metrópoles na rede urbana brasileira. A participação da população metropolitana no total do contingente populacional brasileiro caiu de 48% para 41%, entre as décadas de 1970 e 2000 respectivamente (BAENINGER, 2011).

Portanto, podemos dizer que o processo de urbanização brasileiro teve como grande característica, um forte crescimento e concentração da população, principalmente nas regiões metropolitanas do Centro-sul. Com os atuais indicadores podemos observar uma desaceleração desse processo, novos aglomerados urbanos estão se formando em regiões não metropolitanas.

Segundo Baeninger (2011), a urbanização brasileira possui as seguintes tendências: queda do ritmo de crescimento das regiões metropolitanas; novas formas de distribuição da população no interior da metrópole, crescimento do adensamento populacional nas cidades médias e pequenas e, além disso, conseqüente fortalecimento da sua rede urbana; relativa desconcentração populacional nas metrópoles.

De acordo com Lencioni (2008), mesmo com desconcentração industrial e populacional como analisamos, motivado pela reestruturação produtiva, as metrópoles de Rio de Janeiro e São Paulo não perderam a sua centralidade na economia, principalmente a cidade de São Paulo. Mesmo com a saída de parques industriais, as sedes das grandes empresas, bancos, serviços especializados, continuam se estabelecendo nestas metrópoles.

Além desses serviços especializados, a metrópole continua sendo o principal centro de produção de tecnologia. As cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, possuem as principais universidades e os principais centros de pesquisa do Brasil. Elas apresentam papel de comando e controle, principalmente São Paulo, sobre a rede urbana brasileira.

Após a construção da análise da expansão urbana na metrópole fluminense, o próximo tópico irá de forma breve desenvolver uma análise teórica de uma das consequências no espaço geográfico do fenômeno supracitado, a formação da franja periurbana.

### **Uma breve análise teórica sobre área periurbana**

Após analisarmos as características da expansão urbana do estado do Rio de Janeiro e como ocorreu à interface rural-urbana no território fluminense, é de grande relevância apontar a formação da área periurbana e perimetropolitana, sendo dois fatores que nos ajudam a entender o fenômeno em tela.

Antes de desenvolvermos a discussão teórico-conceitual da formação da área periurbana nas grandes metrópoles, é importante mencionar que a legislação brasileira delimita e caracteriza a área periurbana, como sendo espaços que possuem características tanto rurais como urbanas, desde o decreto-lei nº 311/38, através dos quadros suburbanos, lei nº 6.765/79, e também com o código tributário nacional (MEDEIROS, 2017).

Mais recentemente a legislação brasileira também volta a se atentar à importância da área periurbana no planejamento territorial, através do decreto Nº

7.374/10, na qual o artigo 4º entende a necessidade de incluir em seu zoneamento as áreas que possuem interface com áreas urbanas (MEDEIROS, 2017).

Segundo Souza (2005) fazer uma análise do referido fenômeno não é algo tão simples como aparenta, pois nas bordas das grandes cidades onde encontramos essa área de transição do urbano para o rural, está a localização da área periurbana. Iremos observar uma grande heterogeneidade na formação espacial, justamente por esta interface urbano-rural.

Desde o início dos anos de 1910, o estudo dos fenômenos urbanos e a formação das metrópoles ganharam importância em diversas áreas do conhecimento. Pesquisadores de países como Estados Unidos, Canadá e Alemanha passaram a estudar as suas metrópoles para poder entender a formação das grandes concentrações urbanas no mundo capitalista (RANDOLPH, 2011).

Segundo Vale (2005), os países centrais passam a sofrer o fenômeno de dispersão urbana, onde o processo de concentração nas metrópoles não é mais determinante para entender esse espaço. Dentro da academia passa a ser desenvolvida uma série de conceitos para tentar entender o fenômeno em tela.

O uso do termo espaço periurbano é o mais adotado no Brasil. Esse fenômeno tem sua difusão por volta dos anos de 1990, embora algumas metrópoles já estivessem vivenciando a dispersão urbana, como já ocorria na metrópole paulistana. No mundo esse fenômeno começa a ocorrer na Europa pós-Segunda Guerra Mundial e posteriormente nos Estados Unidos (VALE, 2005).

Os processos de dispersão urbana possuem diversas origens, entre eles podemos mencionar a valorização fundiária em áreas centrais das metrópoles e a maior capacidade de mobilidade urbana devido à melhoria em infraestruturas de transportes. Além desses, a busca por melhores condições de vida, saindo dos grandes centros devido aos altos índices de violência e poluição (RANDOLPH, 2011).

Dentro deste fenômeno da expansão metropolitana, novas “fronteiras” são definidas e é neste contexto, que analisamos a formação da área periurbana e perimetropolitana. Novas áreas de influência são absorvidas pela metrópole que está passando pelo seu processo de expansão, fenômeno que estamos analisando para o Rio de Janeiro.

De acordo com Torres (2004), as fronteiras urbanas podem apresentar importantes características para o entendimento dos processos de expansão urbana. Pode se tornar uma delimitação entre aqueles que são bem vindos ou excluídos das melhores condições de infraestrutura urbana ou entre áreas de grandes conflitos fundiários por ainda conterem uma interface urbano-rural muito significativa, ou também apresentar fortes conflitos ambientais.

Essas novas “fronteiras” que estão sendo mencionadas, não devem ser pensadas como uma barragem que impeça o contato ou comunicação entre as regiões. Concordamos com Randolph (2011b), quando aponta que a fronteira é uma zona de interface com o que está “fora” em relação ao que está “dentro” da região metropolitana.

Ainda dentro do debate sobre a ideia de “fronteira”, Randolph (2011b) relaciona o crescimento do tecido urbano brasileiro a diversos processos que devem ser levados em consideração: crescimento da rede urbana de cidades; aumento da conurbação nas regiões metropolitanas e o espraiamento das infraestruturas urbanas.

Segundo Randolph e Gomes (2007), podemos entender por área periurbana ou franja periurbana algo “que se refere a alguma franja urbana e pretende designar a interface entre o urbano e o rural, uma realidade que talvez não seja mais rural, mas que também não pode ser considerada plenamente urbana” (p. 63).

Segundo Arroyo (2001), sobre o processo de formação da área periurbana, existem três tendências fundamentais que abordam o referido fenômeno. Uma dessas tendências foi trabalhada com muita propriedade na França e destina-se a uma análise sobre o desenvolvimento do espaço rural. A segunda tendência está focada na saturação das grandes áreas metropolitanas e a criação de uma imagem em que no meio rural houvesse a possibilidade existir uma melhor qualidade de vida. A terceira e última é desenvolvida por autores anglo-saxões, cuja análise está pautada nas transformações das funções territoriais dos espaços afetados por tais processos de periurbanização.

Sobre a formação da população na área periurbana, segundo Entrena Durán (2003), é caracterizada por uma heterogeneidade, onde as pessoas buscam terrenos com preços mais acessíveis ou na ideia de uma qualidade de vida melhor no espaço

rural. “Deste modo, poder-se-ia afirmar que a heterogeneidade das formas de dispersão urbana também constitui um reflexo da diversidade da estrutura sócio-econômica e das formas de vida a ela associada” (p. 72).

De acordo com Entrena Durán (2003), o processo de formação da área periurbana está ligado à difusão do processo de urbanização, sendo gerada devido à disponibilidade de solo, ocorrendo uma preferência pela ocupação da terra para fins urbanos no lugar da agricultura. Outro ponto importante é o avanço dos meios de transporte e a melhoria nas infraestruturas viárias que permitem o deslocamento diário das pessoas entre a residência e o local de trabalho. E por último, a expansão das infraestruturas urbanas nas áreas rurais, favorecendo a ocupação de áreas periurbanas, podendo destacar a chegada da eletricidade e da internet.

Numa tentativa de demonstrar os limites da área periurbana Entrena Durán (2003) menciona que na Europa surgiu uma tipologia que divide em 5 estágios o fenômeno em tela. Os três primeiros estágios onde o processo de expansão urbana já está consolidado ou em fase de consolidação, nos dois últimos estágios encontramos o espaço rural propriamente dito. Observaremos na figura 1 essa tipologia referente à área periurbana mencionada por Entrena Durán (2003).

Figura 1 - Tipologia para a formação da área periurbana



Fonte: Extraído de VALE, 2005.

Portanto, o urbano e o rural seriam dimensões integradas na totalidade do espaço, e cada vez que avança a lógica capitalista essas dimensões se conectam uma à outra, criando uma interdependência. Com o capitalismo globalizado que vivemos na contemporaneidade, onde fluxos são cada vez mais intensos, pensar o urbano e o rural separadamente não seria condizente com a capacidade de compreender esses espaços em sua totalidade.

Um ponto importante observado por Furtado (2011) sobre a relação urbano-rural é a desconsideração dessa interação pelos planejadores, tanto do espaço urbano como do rural. Segundo a autora, dessa divisão que influenciou os diversos projetos e planos urbanos e regionais pelo mundo, não se pode pensar a cidade sem compreender os processos e estruturas rurais, assim como não podemos pensar o rural ignorando os processos urbanos.

Portanto não é possível pensar os problemas das metrópoles de forma isolada, “são resultantes de uma intrincada combinação ou interação de aspectos rurais e urbanos dos problemas, que ocorrem nas áreas periurbanas de forma mais aguda do que em qualquer outro local” (FURTADO, 2011, p. 149). É evidente em um sistema

capitalista onde os fluxos e as redes são complexas e fluidas, cada vez mais importante se faz pensar nas relações urbano-rurais.

### Considerações finais

No contexto contemporâneo da globalização, as metrópoles brasileiras de acordo com Milton Santos (2012) passaram por fenômenos de implosão e explosão, incluindo o Rio de Janeiro. A partir dos anos de 1990 do século XX e sofrendo uma intensificação no início do século XXI, a metrópole fluminense se expandiu para além de seus limites promovendo fortes alterações na dinâmica espacial dos municípios.

O grau de intensidade das mudanças espaciais está em acordo com alguns fatores, como a proximidade com a metrópole; infraestrutura urbana; quantidade de habitantes nos municípios; benefícios fiscais para as empresas etc. Esses e outros fatores possibilitaram a expansão urbana da metrópole.

É possível perceber como uma das consequências da expansão das metrópoles a formação da franja periurbana, região marcada pela interface rural-urbana. Onde é possível encontrar urbanidades no rural, como ruralidades no urbano, a delimitação o que é urbano e rural no atual contexto de globalização não é mais perceptível como em fases anterior do sistema capitalista. Através do avanço do meio-técnico-científico-informacional as relações produtivas entre campo e cidade se tornaram cada vez mais interdependentes.

### Referências

ALENTEJANO, Paulo Roberto Raposo. A evolução do espaço agrário fluminense. In: **Revista Geographia**, Niterói, ano 7, nº 13, pp.49-70, 2005.

ARROYO, Mercedes. La contraurbanización: un Debate Metodológico y Conceptual sobre la Dinámica de las Áreas Metropolitana. In: **Scripta Nova**, nº 97. Barcelona: Universidad de Barcelona, 2001.

BAENINGER, Rosana. A nova configuração urbana no Brasil: desaceleração metropolitana e redistribuição da população. In: **Expansão Metropolitana e Transformação**



**mações das interfaces entre Cidade, Campo e Região na América Latina.** Editora Max Limonad, 1ª edição, São Paulo, 2011, pp 46-70.

ENTRENA DURÁN, Francisco. Cidades sem limites. In: MACHADO, A. S. (org.) **Trabalho, economia e tecnologia: novas perspectivas para a sociedade global.** São Paulo: Tendez; Bauru: Práxis, 2003.

FERREIRA, Álvaro; RUA João; MATTOS, Regina Célia: Metropolização do Espaço, Gestão Territorial e Relações Urbano-Rurais: processos e dinâmicas. In: **Desafios da metropolização.** FERREIRA, Álvaro; RUA João; MATTOS, Regina Célia (orgs.). Rio de Janeiro, Editora Consequência, 1ª edição, pp. 15 – 31, 2015.

FURTADO, Maria de Fátima Ribeiro de Gusmão. Áreas de interface periurbana: desafios conceituais e metodológicos. In: **Expansão Metropolitana e Transformações das interfaces entre Cidade, Campo e Região na América Latina.** Editora Max Limonad, 1ª edição, São Paulo, pp 147-166, 2011.

LENCIONI, Sandra. Concentração e Centralização das atividades urbanas: uma perspectiva multiescalar. Reflexões a partir do caso de São Paulo. **Revista de Geografia Norte Grande.** , v.39, p.7 - 20, 2008

LENCIONI, Sandra. Urbanização difusa e a constituição de megarregiões. In: **e-metropolis: Revista Eletrônica de Estudos Urbanos e Regionais.** Rio de Janeiro, 2015, nº 22, p. 6-15.

MEDEIROS, Gabriel Bias Fortes Pereira da Silva. **Classificação brasileira do território rural e urbano:** discussões, alternativas metodológicas e técnica complementares à classificação atual. Dissertação de Mestrado. Instituto de Geografia. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2017.

OLIVEIRA, Floriano José Godinho. Políticas e planos territoriais nas escalas metropolitanas e regionais: análise das mudanças no Rio de Janeiro. In.: **Anais do XIV encontro nacional da ANPUR,** Rio de Janeiro, ANPUR, 2011.

PIQUET, Rosélia. In: SANTOS, Ângela Moulin S. Penalva; MARAFON, Glaucio Jose e SANTANA, Maria Josefina Gabriel (orgs.). **Rio de Janeiro: Um olhar socioespacial.** Rio de Janeiro: Editora Gramma, 2010, p. 79-99.

RANDOLPH, Rainer; GOMES, Pedro Henrique Oliveira. Mobilidade e expansão do Rio de Janeiro para áreas perimetropolitanas. In: **Cadernos MetrÓpole,** nº17, 2007, pp. 59-80.

\_\_\_\_\_. Expansão das metrópoles, deslocamento de suas fronteiras e reorganização regional em seu entorno: perguntas e caminhos In: **Expansão Metropolitana e Transformações das interfaces entre Cidade, Campo e Região na América Latina.** Editora Max Limonad, 1ª edição, São Paulo, pp. 25-45, 2011a.

\_\_\_\_\_. A questão das fronteiras das metrópoles e a reorganização regional em seu entorno: reflexões a respeito de mudanças do paradigma da urbanização. In: Anais do XIV Encontro Nacional da ANPUR, Rio de Janeiro, 2011b.

RIBEIRO, Miguel Ângelo. Transformações sócio-econômicas e mudanças na rede de localidades centrais no Rio de Janeiro: o papel de Campos dos Goytacazes, Macaé e Itaperuna (1966-2007). In: **Revista Espaço e Economia**, Rio de Janeiro, 2012.

\_\_\_\_\_ e CAVALCANTI, Vera Maria d'Ávila. Tipologia dos municípios fluminenses: o urbano e o rural em questão. In: **Globalização, políticas públicas, e reestruturação territorial**. Rio de Janeiro. Editora 7 Letras, 2012, pp. 144-157.

SANTOS, Milton. A urbanização brasileira. São Paulo, Hucitec, 1993.

\_\_\_\_\_. **Por uma economia política da cidade**. 2ª edição/ 1ª reimpressão, Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **ABC do desenvolvimento urbano**. 2 edição, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

TORRES, Haroldo da Gama. Fronteira paulista. In: **Anais do XVI Encontro Nacional de Estudos populacionais**. Caxambu: ABEP, 2004.

VALE, Ana Rute do. **Expansão urbana e plurifuncionalidade no espaço periurbano de Araraquara (SP)**. Tese (Doutorado) Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Universidade Estadual Paulista. Rio Claro, 2005.

Recebido em 30 mar. 2019;

Aceito em 09 mai. 2019